

## A Riqueza do Consumo: Análise das Demonstrações de Valor Adicionado dos Setores de Consumo Cíclico e Não cíclico à Luz da Teoria dos Ciclos Econômicos.

Karen Aparecida Batista da Silva  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
karen.batistasilva@gmail.com

Denize Demarche Minatti Ferreira  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
denize.minatti@ufsc.br

Monique Cristiane de Oliveira  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
monique\_bona@hotmail.com

### RESUMO

Os ciclos econômicos representam os movimentos de expansão e recessão das atividades econômicas. Com base na Teoria dos Ciclos Econômicos, alguns setores tendem a ser mais afetados por movimentos de expansão e recessão a dependendo de sua atividade, como os setores que produzem bens duráveis que podem ser mais impactados, por exemplo, que os setores de bens de primeira necessidade quanto aos efeitos da recessão. Com isso o presente estudo tem por objetivo analisar a variação da riqueza gerada e distribuída entre os agentes econômicos nos setores de consumo cíclico e não cíclico nos períodos de expansão e recessão econômica. A amostra compreendeu todas as empresas dos respectivos setores, segundo classificação setorial da [B]<sup>3</sup>, que disponibilizaram a Demonstração do Valor Adicionado entre 2009 e 2016, sendo 17 empresas do setor de consumo não cíclico e 65 do setor de consumo cíclico. Os resultados encontrados apontaram que ambos os setores não apresentaram crescimento na geração de riqueza no período de recessão. No entanto, a ruptura de uma tendência de crescimento que era existente para ambos setores se apresentou primeiro no de consumo cíclico, considerado setor sensível em períodos de recessão conforme a Teoria dos Ciclos Econômicos. Com relação a distribuição aos agentes econômicos, o grupo remuneração de capitais de terceiros foi o que apresentou taxas de crescimento mais altas no período de expansão em ambos setores. Já no período de recessão o grupo mais impactado por taxas negativas, representando um decréscimo na distribuição para esse período, em ambos os setores foi a remuneração de capital próprio.

**Palavras-chave:** Consumo cíclico; Consumo Não Cíclico; Expansão; Recessão; Demonstração do Valor Adicionado.

**Linha temática:** CONTABILIDADE FINANCEIRA

Realização:

## 1 INTRODUÇÃO

As empresas estão inseridas em contextos macroeconômicos, estando suscetíveis as mais diversas variações de indicadores, tais como taxas de inflação, de câmbio, de juros entre outras, e à medida que o cenário econômico nacional dita o seu curso, elas sofrerão impactos desses fatores externos. A depender do tipo de variável, região onde está inserida e setor de atuação as companhias podem sentir estes fatores em intensidades diferentes, tanto positiva quanto negativamente (Pandini, Stüp, & Fabre, 2018).

Ao longo dos anos, enquanto a economia do Brasil se estruturou aconteceram variações no cenário nacional. Pode-se mencionar, por exemplo, que em meados dos anos 2000 houve crescimento na situação econômica do país, com elevação no PIB e uma melhora na distribuição de renda (Paula & Pires, 2017). Porém em meados de 2014, uma recessão atingiu a economia brasileira e sua duração e efeitos foram sentidos nos anos seguintes (Oreiro, 2017).

Estas variações de expansão e recessão na atividade econômica são denominadas ciclos econômicos, e durante esses períodos a Teoria dos Ciclos Econômicos sugere que alguns setores empresariais tendem a ser mais afetados que outros pelos efeitos decorrentes destas oscilações. O setor de consumo cíclico é um destes, pois, em geral, são responsáveis por bens de consumo duráveis e pode vir a ser mais afetado que o setor de consumo não cíclico, por exemplo, que atende a bens de primeira necessidade como alimentos e higiene, pois se entende que os produtos do primeiro setor podem ser adiados ou reduzidos pelas famílias em períodos de recessão econômica (Mitchell, 1988; Pandini, *et. al*, 2018).

As demonstrações contábeis que são divulgadas por empresas destes setores, são elementos que podem servir de informação e análise de como esses impactos podem ser percebidos. Considerando que se uma companhia relaciona outros a sua volta, como funcionários, credores, entre outros, ao ser impactada por fatores relacionados ao ambiente econômico este impacto tende a refletir no meio onde ela está inserida, podendo estender os efeitos positivos e negativos aos envolvidos. Dentre os demonstrativos, a Demonstração do Valor Adicionado (DVA) demonstra tanto os valores correspondentes a companhia como também os relativos aos agentes econômicos envolvidos na sua atividade fim. Como tal, é o instrumento responsável pela evidenciação da geração de riqueza de uma entidade, bem como o detalhamento de sua distribuição entre os agentes econômicos (De Luca, Cunha, Ribeiro, & Oliveira, 2009).

Como base de análise, a DVA propicia comparar o valor adicionado ao longo dos anos, podendo perceber acréscimos ou decréscimos ano a ano, permitindo entender alguns paralelos que aconteceram nas atividades das empresas, bem como comparar como está a distribuição da riqueza entre os agentes (Santos, 2007). Ainda cabe destacar que os aspectos de análise da DVA podem ser internos ou externos a empresa. No que tange ao ambiente interno, tem-se informações gerenciais já ao que tange o ambiente externo é possível análises que reflitam a participação da empresa no cenário econômico em que atue. (De Luca *et al.*, 2009).

Com isso o presente estudo busca responder, qual o comportamento da riqueza gerada e distribuída por empresas do setor de consumo cíclico e não cíclico nos períodos expansão e recessão econômica?

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é analisar a variação da riqueza gerada e

Realização:



distribuída entre os agentes econômicos nos setores de consumo cíclico e não cíclico nos períodos de expansão e recessão econômica.

Este objeto de pesquisa tomou por base aspectos do estudo desenvolvido por Santos, Cunha, De Luca e Ribeiro (2013) que identificaram o comportamento da riqueza criada pelas empresas e a sua distribuição durante os períodos de governo FHC e Lula (1996 – 2010). Diferentemente dos autores que analisaram cenários e períodos de governo, o enfoque deste estudo se dá nos períodos de expansão e recessão econômica que ocorreram entre os anos de 2009 a 2016, voltados para os setores de consumo que segundo Teoria dos Ciclos Econômicos, podem ter maior ou menor tendência à serem afetados pelas oscilações da economia.

A pesquisa se justifica pela relevância de estudos que contemplem as informações contidas na DVA evidenciando sua potencialidade para diferentes análises por parte de seus usuários, bem como o intuito de explorar a geração e distribuição de riqueza dos dois setores econômicos, não encontrados em pesquisas anteriores relacionadas ao referido demonstrativo.

Ainda, associará a ideia teórica quanto a sensibilidade dos setores estudados às variações na economia, analisando os períodos de expansão e recessão sob a perspectiva da geração de riqueza desses setores, percebendo quais as variações de valor adicionado gerado por estas empresas e os reflexos nos agentes econômicos evidenciados neste demonstrativo.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Teoria dos Ciclos Econômicos e os ciclos brasileiros

As atividades econômicas nacionais sofrem flutuações em virtude de uma série de variáveis macroeconômicas, oscilando com períodos de expansão e recessão e a este comportamento se dá o nome de ciclos econômicos. De acordo com Mitchell (1988), um acontecimento animador na economia gera prosperidade e essa prosperidade dá existência a uma crise que após algum tempo irá se conduzir a uma reativação econômica, formando assim um ciclo.

Segundo Keynes (1988), o movimento de mudança do ciclo da expansão para crise tende a ser de modo repentino e violento, ao passo que a saída da crise para um novo momento de crescimento econômico tende a ser um pouco mais lento. Para Schumpeter (1985), os contratempos que virão a intervir no desenvolvimento econômico e gerarão a crise, não apenas interrompem o período de crescimento e sim colocam um fim a esse período, sendo que o novo processo de reativação econômica após a crise será um novo processo com perspectivas diferentes do anterior.

Quanto a periodicidade desses acontecimentos, Schumpeter (1985) apresenta que esse próprio movimento de que uma expansão leva a crise, e a crise a uma nova expansão já pode ser entendido como periodicidade, no entanto falando numericamente não é possível explicar teoricamente visto que depende dos dados individuais de cada caso. O Brasil, possui definido cronologicamente pelo Comitê de Datação de Ciclos Econômicos (CODACE) os seus ciclos. Estes representam o momento em que, de acordo com estatísticas econômicas utilizadas,

Realização:



estabelecem os pontos de virada entre períodos de expansão e recessão (picos e vales) alternados na economia nacional (CODACE, 2017).

O CODACE é um comitê independente criado pelo Instituto Brasileiro de Economia (IBRE) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), com intuito de estabelecer uma cronologia de referência para ciclos econômicos brasileiros e entre suas diversas contribuições está a de ser referência para as mais diversas pesquisas acadêmicas (CODACE, 2009).

De acordo com o último relatório apresentado em 2017 pelo comitê, quanto ao ciclo de expansão o país teve um período que compreendeu o segundo trimestre de 2009 até o primeiro trimestre de 2014, o ciclo seguinte compreendeu um período de recessão que foi do segundo trimestre de 2014 se estendendo até o último trimestre de 2016. Seguindo a metodologia do comitê, entende-se que, como o ponto de virada da recessão já está determinado no momento o país vive um período de expansão, que se finalizará com o próximo ponto de recessão.

Conforme um dos aspectos levantados na Teoria dos Ciclos Econômicos, quando o período é de crise, ocorrem as demissões em massa, e muitas famílias são forçadas a restringir seus gastos no orçamento doméstico. Com esta restrição, certos gastos como roupas, móveis e diversões passam a ser contidos ou podem ser cortados sem gerar muito desconforto e isso faz diminuir a demanda de consumo (Mitchell, 1988). Mitchell (1988) ainda sugere que o próprio setor responsável pelos bens de primeira necessidade, como alimentos, pode sofrer melhora em períodos de expansão visto pela opção de produtos de melhores qualidades e com maiores valores por parte dos consumidores.

As empresas que apresentam essas características se enquadram no que está denominado como setores de consumo cíclico e de consumo não cíclico, onde a primeira é responsável basicamente pela produção de bens duráveis e a última responsável pela produção de bens não duráveis. Segundo a classificação setorial da [B]<sup>3</sup>, no setor de consumo cíclico podem ser encontradas empresas, por exemplo de vestuários, calçados, viagens e lazer, já no setor não cíclico são as de alimentos, produtos de uso pessoal, de limpeza entre outros.

Nesse sentido, Pandini, Stüpp e Fabre (2018) verificaram o impacto das variáveis macroeconômicas nos indicadores econômico-financeiros das empresas desses setores no período de 2008 a 2015, onde por meio da correlação canônica apontou resultados que o setor de consumo cíclico é mais afetado pelo desempenho da economia que o de consumo não cíclico quanto aos indicadores econômicos financeiros, onde a variação da receita operacional líquida foi apontada como a variável de desempenho mais impactada.

## 2.2 Análise da demonstração do valor adicionado

Quem percebe a contabilidade com os olhos de hoje sem refletir o seu passado, fica alheio as evoluções que este ramo sofreu ao longo dos anos. Mudanças estas que acompanharam as transformações da realidade comercial, industrial e as novas necessidades econômicas, sociais e de informação que buscaram atender entre outros aos novos usuários da informação contábil (Santos, 2007).

Dentre as novas perspectivas contábeis, surge uma demonstração com visão diferenciada, que envolve a responsabilidade social e informações de natureza econômica denominada

Realização:

Demonstração do Valor Adicionado (DVA). Ela evidencia o quanto de riqueza foi criada por uma empresa, quanto de valor ela agrega aos insumos que adquiriu e como ela distribui essa riqueza entre os agentes econômicos que estão envolvidos nesse processo (De Luca *et al.*, 2009).

Por um período essa demonstração foi facultativa no Brasil, porém com a publicação da lei 11.638/2007, que alterou e revogou alguns pontos da lei das S.A (6.404/76) e da lei 6.385/76, a DVA passou a compor a lista de demonstrações de publicação obrigatória para as empresas de capital aberto. Posteriormente, ocorreu a publicação pelo Comitê de Pronunciamentos Contábeis do pronunciamento técnico CPC 09 que veio para orientar a elaboração desta.

As informações que podem ser extraídas da DVA, assim como as já contidas nas demonstrações tradicionais, são úteis para tomada de decisão bem como de análises comparativas. Ela pode servir de análise isoladamente, percebendo o valor da riqueza gerada, pode ser comparada ano a ano pela empresa além de visualizar como está sendo feita a distribuição dessa riqueza (Santos, 2007.).

Alguns indicadores que podem ser extraídos da análise da DVA são encontrados na obra de De Luca *et.al* (2009), que são indicadores de geração de riqueza, de distribuição de riqueza e indicadores de participação na economia, assim sendo, essa demonstração pode servir de análise para as mais diferentes conjunturas em que a empresa esteja inserida.

Pesquisas que estejam atreladas a análise desse demonstrativo contábil puderam ser encontrados em estudos como de Tinoco, Moraes, Peleias, Claro e João (2008) que estudaram a DVA de empresas brasileiras de setores distintos da economia com objetivo de identificar, mensurar e comparar a carga tributária brasileira, buscando análise de causa e efeito. Como resultados obtiveram que é possível o uso da DVA como instrumento de medição da carga tributária nos diversos setores, bem como, que alguns destes sofrem com elevada carga tributária e isso consequentemente é transferido aos consumidores, como no caso dos setores de combustível, energia e telecomunicações.

O estudo de Santos, Cunha, De Luca e Ribeiro (2013), que serviram de base para esta pesquisa, analisaram o comportamento da riqueza gerada e distribuída nos períodos dos governos FHC e Lula nos anos de 1996 a 2009, como amostra foram utilizadas 155 empresas no período FHC e 320 no governo Lula. Nos resultados encontrados foi visualizado um crescimento médio na geração de riqueza em cada ano dos dois governos, e na distribuição da riqueza ficou evidente a maior participação para o governo, entre outros aspectos.

No estudo de Wink, Severo e Dorneles (2015), foi analisado a distribuição do valor adicionado aos agentes de produção de trabalho e capital nos setores da Auto indústria e de Bens de Capital no período de 2008 a 2012 onde a amostra totalizou 6 empresas e entre os resultados encontrados constatou-se que, de forma geral, as companhias distribuíram mais valor adicionado ao pessoal que aos de capitais, com algumas outras considerações referentes aos pontos de cada empresa analisada em relação a sua participação na amostra por setor.

Guesser, Fedrigo e Einsweiller (2018), analisaram e descreveram a evolução da riqueza gerada e distribuída referente as 23 empresas catarinenses de capital aberto na BMF&BOVESPA no período de 2010 a 2015, agrupadas de forma global, por ramos de atividade e por setor. De modo geral os resultados mostraram um crescimento no valor adicionado entre os anos de 2010 e 2015, e maior parte da distribuição de valor adicionado está em pessoal e a remuneração de

Realização:



capitais próprios é a que menos distribui.

Já o estudo de Goulart, Ferreira, Araújo e Ferreira (2018), analisaram a distribuição da riqueza com ênfase ao grupo pessoal nas demonstrações referentes aos exercícios sociais de 2015, 2014 e 2013 por empresas classificadas como as melhores para trabalhar. Dentre os resultados encontrados temos que nos três anos, o maior montante médio de destinação foi ao grupo pessoal, apontando resultado divergente de estudo que trouxe o governo como maior parcela na distribuição.

Com isso, assim como nos estudos anteriores, a presente pesquisa utiliza a DVA como um instrumento de análise, no entanto busca conectar este demonstrativo contábil de forma interdisciplinar, na tentativa de estabelecer uma conversa entre a Ciência Contábil e a Economia por meio de teoria e informações evidenciadas.

### 3 METODOLOGIA

Esta pesquisa, que tem como objetivo analisar a variação da riqueza gerada e distribuída entre os agentes econômicos nos setores de consumo cíclico e não cíclico nos períodos de expansão e recessão econômica, selecionou todas as empresas classificadas pela [B]<sup>3</sup> em ambos os setores e que publicaram a DVA em todos os anos dos períodos analisados. Esses setores foram selecionados com base no aspecto da Teoria dos Ciclos Econômicos que sugere que o setor de consumo cíclico tende a ser mais afetado em períodos de recessão que o setor não cíclico, visto que o último atende a bens de primeira necessidade. A Tabela 1 apresenta como foi composta a amostra final.

Tabela 1. Formação da amostra

	Cíclico	Não Cíclico
População	81	25
(-) DVA de um ou mais períodos não disponível	15	6
(-) DVA publicada não corresponde ao ano cívil	1	2
<b>Amostra final</b>	<b>65</b>	<b>17</b>

Conforme a Tabela 1, dentre as causas que fizeram as empresas a não compor a amostra foram não disponibilidade das demonstrações em um ou mais anos dos períodos analisados, e publicações da demonstração em formato não correspondente ao ano civil, pois as demonstrações deste formato são incompatíveis com o propósito de análise.

Assim, a amostra inicial era composta de 81 empresas no setor cíclico e 25 no setor não cíclico e ao ser levantado os dados restaram para serem analisadas 65 empresas de consumo cíclico e 17 empresas de consumo não cíclico. A Tabela 2 apresenta as empresas que compuseram a amostra final por setor.

Tabela 2. Empresas selecionadas

Consumo Não Cíclico	Consumo Cíclico			
Pomifrutas	Const A Lind	Viver	Technos	Localiza
Alipert	CR2	Cedro	Whirlpool	Locamérica
SLC Agrícola	Cyrela	Coteminas	Unicasa	Unidas
Terra Santa	Direcional	Dohler	Hercules	Arezzo co
BRF S.A	Even	Encorpar	Nadir Figuei.	Grazziotin
Excelsior	Eztec	Ind. Cataguas	IOCHP - Maxion	Guararapes
JBS	Grafisa	Karsten	Metal Leve	Le Lis Blanc
Marfrig	Helbor	Santanense	Plascar	Lojas Marisa
Minerva	JHSF	Springs	Hoteis Othon	Lojas Renner
Minupar	João Fortes	Teka	Monark	Magazine Luiza
J. Macedo	MRV	Tex Renaux	Estrela	Via Varejo
Josapar	PDG Realt	Cia Hering	Tectoy	B2W Digital
M. Dias Branco	RNI	Alpargatas	Spturis	Lojas Americanas
Oderich	Rosi Resid	Cambuci	Time for fun	Saraiva
Natura	Tecnisa	Grendene	Bahema	-
Bombril	Tenda	Vulcabras	Estácio Part.	-
Pão de Açúcar	Trisul	Mundial	Kroton	-

A partir da definição da amostra, delimitaram-se os períodos de expansão e recessão com base no relatório do CODACE (2017). A expansão econômica ficou estabelecida no período compreendido entre os anos de 2009 a 2013, enquanto entre 2014 a 2016, foi definido como recessão.

Com esta delimitação, foram coletados os valores da DVA, entre 2009 a 2016, no que tange ao valor adicionado total distribuir bem como os grupos de distribuição que são pessoal, impostos, taxas e contribuições, remuneração de capitais de terceiros e remuneração de capitais próprios. Esses valores foram atualizados pelo IPCA, assim como feito no estudo de Santos *et. al* (2013) e para atualização foi utilizada na presente pesquisa a metodologia de cálculo obtida por meio da calculadora do cidadão disponível no site do Banco Central do Brasil (BCB).

Junto com uma análise qualitativa descritiva, também foi efetuado o cálculo da taxa de crescimento da riqueza gerada e distribuída conforme metodologia utilizada por Santos *et. al* (2013, p.53), onde “a taxa de crescimento ( $r$ ) representa o percentual de incremento médio anual de um ano para o outro nos períodos considerados”, de modo que ela representa uma média anual das taxas de crescimento encontradas em cada período.

Como entendimento desta descrição, no presente estudo o valor encontrado corresponde ao cálculo de variação de crescimento de geração e distribuição de riqueza de um ano em relação ao seu anterior. Encontradas as taxas dessa forma, o resultado taxa de crescimento apresentada será o somatório de todas as taxas divididas pelo número de variações encontradas (sendo 4 no

período de expansão e duas no período de recessão, conforme demonstrado na Tabela 3).

Tabela 3: Variação de geração e distribuição de riqueza calculadas

	Expansão	Recessão
1º Variação $\Delta$	2009 - 2010	2014 - 2015
2º Variação $\Delta$	2010 - 2011	2015 - 2016
3º Variação $\Delta$	2011 - 2012	
4º Variação $\Delta$	2012 - 2013	

As taxas de crescimentos são calculadas com base nos períodos de expansão e recessão, conforme a Equação I.

$$TC = \frac{\sum \Delta_{n,n-1} + \dots + \Delta_{n,n-1}}{n^\circ \text{ de variações } (\Delta)} \quad (I)$$

Onde:

TC representa a taxa de crescimento referente a expansão ou a recessão;

$\Delta_{n,n-1}$  representa a variação percentual encontrada de um ano em relação ao seu anterior;

Nº de  $\Delta$  representa o número de variações encontradas referente a expansão ou recessão.

A partir do cálculo das taxas de crescimento da expansão e recessão, foi possível analisar quanto cada setor apresentou de acréscimo/decrécimo médio na geração e distribuição de riqueza nos referidos períodos.

## 4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

### 4.1 Geração e distribuição de riqueza no setor de consumo cíclico

O setor de consumo cíclico nos anos de 2009 a 2016, gerou e distribuiu cerca de R\$2,6 trilhões, sendo aproximadamente R\$1,6 trilhão no período de expansão e R\$ 1 trilhão no período de recessão.

Tabela 4. Valores para o setor de consumo cíclico (em bilhões de reais)

	Expansão		Recessão
Total do período	R\$ 1,574	Total do período	R\$ 1,046
Tamanho (anos)	5	Tamanho (anos)	3
Mínimo	R\$ 264	Mínimo	R\$ 323
Máximo	R\$ 398	Máximo	R\$ 380
Média	R\$ 314	Média	R\$ 348
Nº de empresas	65	Nº de empresas	65
Média por empresa	R\$ 4.8	Média por empresa	R\$ 5.3

Em média o setor gerou e distribuiu mais riqueza no período de recessão do que no de expansão, como pode ser observado na Tabela 4. Uma possível razão para tal acontecimento se

Realização:



deve ao fato de que no período de expansão as empresas estavam em processo de crescimento na geração de riqueza, com aumento gradativo ano a ano enquanto no período de recessão, apesar de o comportamento de crescimento ser interrompido, a riqueza gerada não regressiu a níveis iniciais do período de expansão, conforme pode ser observado na Figura 1.

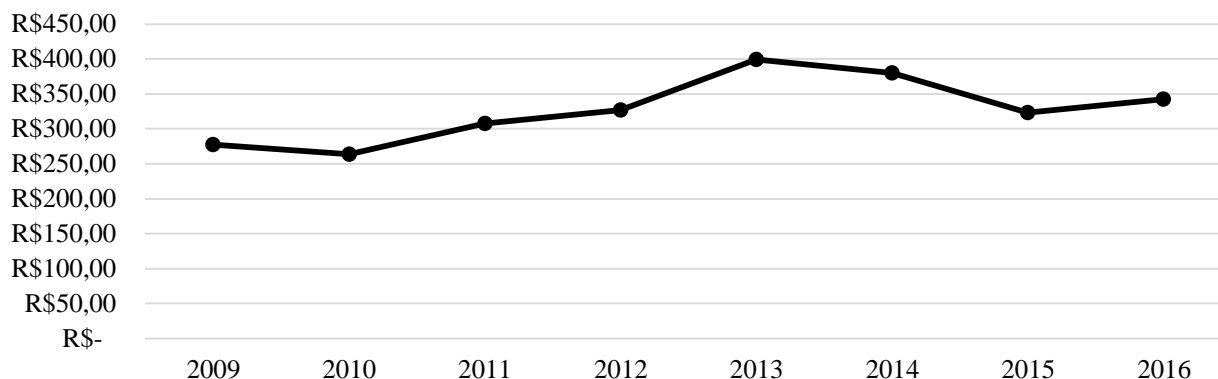


Figura 1: Riqueza gerada ao ano (em bilhões de reais)

Essa manutenção de geração de riqueza em níveis elevados no período de recessão pode levar a compreensão de uma média mais alta para esse momento, o que não representa de imediato que este período foi melhor para as companhias desse setor, visto que houve ruptura na tendência de crescimento. Essa posição se corrobora por meio da taxa de crescimento para ambos os períodos conforme exposto na Tabela 5.

Tabela 5: Taxa de crescimento

Taxa de Crescimento	Geração de riqueza	Distribuição da riqueza			
		Pessoal	Impostos, taxas e contribuições	Remuneração Capital de terceiros	Remuneração Capital próprio
<b>Expansão</b>	10%	6%	5%	16%	11%
<b>Recessão</b>	-4%	-4%	-2%	-2%	-8%

É possível perceber que o setor apresentou uma taxa de crescimento na geração de riqueza em 10% para o período de expansão enquanto no período de recessão essa taxa foi negativa em 4%, representando um decréscimo na geração de riqueza neste segundo momento. Isso apresenta indícios de que o setor pode ter sido impactado pela recessão no sentido de não prosseguir na tendência de crescimento.

Ao observar as taxas de crescimento nos dois períodos, pode-se associar a Teoria dos Ciclos Econômicos, no sentido de que no momento de expansão a situação pode ser favorável ao crescimento pelo clima animador da economia, visto que “(...) o movimento para prosperidade ganha impulso à medida que avança” (Mitchell, 1988 p.27), ao passo que a recessão acaba por comprometer as condições que apoiam essa prosperidade. Fazendo mais um paralelo com a teoria

Realização:

para com o setor em específico, por se tratar de bens que não são de primeira necessidade, se os consumidores se virem em situação de restrição orçamentária devido a recessão, a aquisição de bens desse setor pode ser adiada (Mitchell, 1988).

Partindo para a distribuição dessa riqueza, dentre os agentes econômicos que compõe a DVA o que recebeu o maior percentual nos dois períodos para este setor foi o governo por meio dos impostos, taxas e contribuições, onde do total da riqueza gerada no período de expansão e recessão 40% foi destinado a esse grupo. Tal situação se repetiu na distribuição a pessoal, que do montante da riqueza gerada, 28% foram entregues a este grupo, conforme Figura 2.

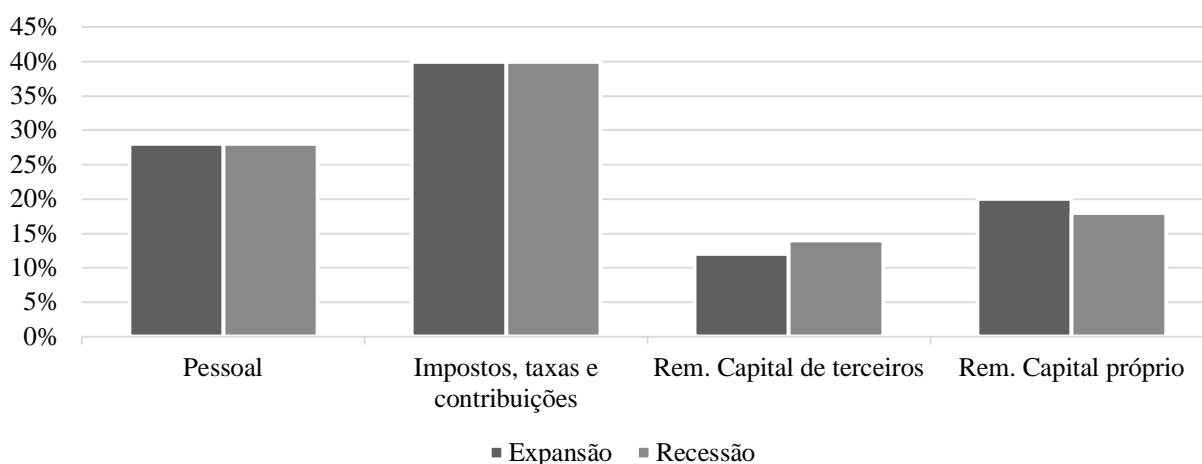


Figura 2: Distribuição da riqueza gerada

O grupo de remuneração de capital próprio apresentou percentual de distribuição menor na recessão em relação a expansão, ao passo que a remuneração de capital de terceiros exibiu percentual maior. Com relação a taxa de crescimento apresentados na Tabela 5, esses mesmos grupos merecem destaque, sendo que o de remuneração de capitais de terceiros foi o que exibiu maior taxa de crescimento para a expansão com 16%, e o de remuneração de capital próprio o mais impactado negativamente na recessão com -8%.

#### 4.2 Geração e distribuição de riqueza no setor de consumo não cíclico

O setor de consumo não cíclico gerou e distribuiu nos anos aqui analisados pouco mais de R\$ 567 bilhões sendo que no momento de expansão esse valor foi de R\$ 307 bilhões, ao passo que no momento de recessão R\$ 260 bilhões.

Tabela 6. Valores para o setor de consumo não cíclico (em bilhões de reais)

Expansão		Recessão	
Total do período	R\$ 307	Total do período	R\$ 260
Tamanho (anos)	5	Tamanho (anos)	3
Mínimo	R\$ 42	Mínimo	R\$ 72
Máximo	R\$ 73	Máximo	R\$ 100
Média	R\$ 61	Média	R\$ 86
Nº de empresas	17	Nº de empresas	17
Média por empresa	R\$ 3.6	Média por empresa	R\$ 5.1

Apesar de ambos os setores apresentarem maior média de geração de riqueza no período de recessão, o setor de consumo não cíclico diferentemente do anterior, estendeu sua tendência de crescimento por mais dois anos na recessão.

Na Figura 3, se percebe essa sequência na tendência de crescimento, no entanto ressalta-se que isso mudou no último ano da recessão e a queda na geração de riqueza deste ano atingiu o nível de valor de riqueza gerada abaixo do último ano da expansão.

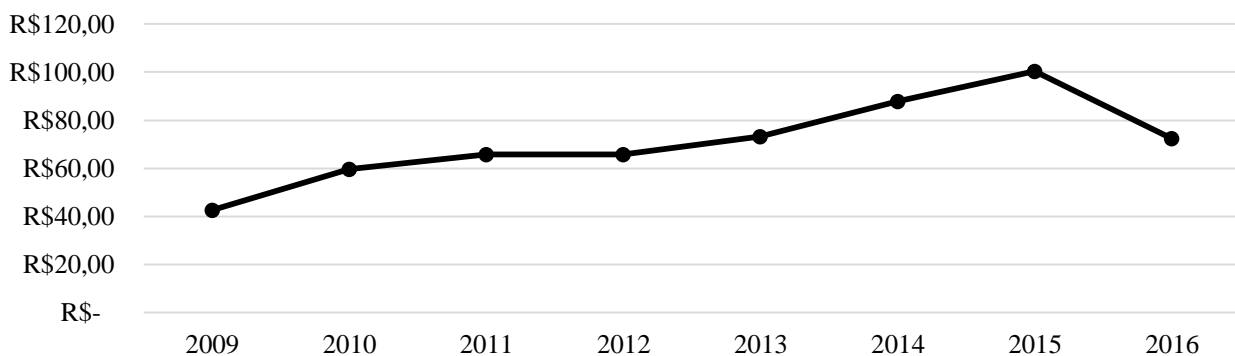


Figura 3: Riqueza gerada ao ano (em bilhões de R\$)

Comparado ao setor cíclico, o regresso na geração do setor não cíclico foi menor visto que o nível de valor de geração de riqueza atingido na recessão foi pouco abaixo do apresentado no ano de 2013, ao passo que o cíclico o valor mais baixo gerado na recessão atingiu números inferiores ao gerado em 2012. Fazendo um paralelo com a Teoria dos Ciclos Econômicos, pode-se entender que por se tratar de um setor de bens de primeira necessidade, seu impacto tenderia a ser menor pois seu consumo, apesar de certos produtos possam ser substituídos por outros, não tendem a ser excluídos em sua totalidade (Mitchell, 1988).

No entanto, apesar de a ruptura de crescimento na geração de riqueza se apresentar tardiamente, isso não impediu que esse valor se refletisse na taxa de crescimento que apresentou valor negativo na recessão em 7%, enquanto na expansão o crescimento do setor foi de 15%.

Tabela 7. Taxa de crescimento

Taxa de Crescimento	Geração de riqueza	Distribuição da riqueza			
		Pessoal	Impostos, taxas e contribuições	Remun. Capital de terceiros	Remun. Capital próprio
<b>Expansão</b>	15%	17%	11%	26%	4%
<b>Recessão</b>	-7%	2%	-28%	6%	-45%

No que tange a distribuição da riqueza, os valores em termos percentuais do total gerado em relação ao total que foi distribuído podem ser observados na Figura 4. O grupo com maior percentual de distribuição no período de expansão foi o de pessoal com um valor de 42%, já no momento de recessão o que ficou com a maior fatia de distribuição foi o de remuneração de capitais de terceiros.

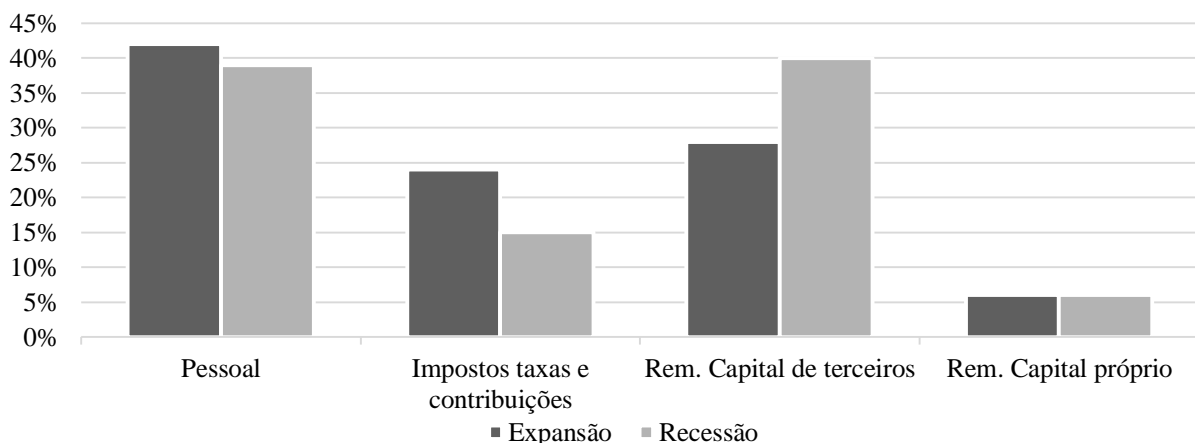


Figura 4: Distribuição da riqueza gerada

Esse grupo apresentou a variação mais expressiva em termos percentuais saindo de uma distribuição de 28% no período de expansão para 40% no período de recessão, isso também se refletiu na taxa de crescimento. Na expansão a taxa de crescimento para remuneração de capitais de terceiros foi a mais alta entre os grupos com 26%, na recessão ele continuou crescendo apresentando 6%.

O governo por meio de impostos, taxas e contribuições apresentou uma redução de sua parte na distribuição saindo de 24% no período de expansão para 15% na recessão, esse reflexo também apareceu na taxa de crescimento desse grupo sendo ela negativa em -28% para o momento de recessão.

Nesse último ponto, o presente resultado aponta divergência do estudo de Santos et. al (2013) que encontrou o governo como o que recebeu maior percentual para análise realizada na pesquisa, no entanto não seria apropriado uma comparação neste sentido visto que o estudo analisou setores em conjunto, ao passo que aqui a análise se dá na perspectiva da redução em um único setor. Em contrapartida, pode-se associar os resultados aqui apresentados ao encontrado

Realização:

por Tinoco *et. al* (2008), que foi o de que alguns setores apresentam carga tributária mais elevada em relação a outros, de modo que o setor de consumo cíclico apresentou valor de destinação maior à impostos, taxas e contribuições nos dois períodos do que o não cíclico.

Ao observarmos apenas percentual distribuído ao grupo remuneração de capitais próprios tem-se que ele foi o mesmo nos dois períodos e o menor em relação aos quatro grupos de distribuição, no entanto, supõe-se que os prejuízos apresentados nesse grupo podem ter contribuído para a redução na distribuição de riqueza apresentada na figura 3 para o ano de 2016, visto que neste ano o valor para distribuição desse grupo foi negativo. Remuneração de capitais próprios também foi o agente mais impactado na taxa de crescimento da recessão, onde apresentou o percentual negativo em 45%.

No que se refere as taxas de crescimento, ao contrário do setor cíclico, em que todos os agentes de distribuição apresentaram decréscimos, no setor não cíclico dois grupos mantiveram crescimento na recessão sendo eles o de pessoal com 2% e o de remuneração de capitais de terceiros com 6%.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendendo que os ciclos econômicos representam os movimentos de expansão e recessão da economia, e que alguns setores podem ser mais impactados que outros em função de suas características, a presente pesquisa teve por objetivo analisar a variação da riqueza gerada e distribuída entre os agentes econômicos nos setores de consumo cíclico e não cíclico nos períodos de expansão e recessão econômica. Para tanto, foram analisadas as DVA das empresas dos respectivos setores listadas na [B]<sup>3</sup> que divulgaram em todos os anos entre 2009 e 2016, as demonstrações contábeis, contemplando uma amostra de 17 empresas do setor de consumo não cíclico e 65 empresas do setor de consumo cíclico.

Dentre os resultados encontrados foi percebido que o momento de transição entre o final do período de expansão e o início da recessão a geração de riqueza por ano no setor de consumo cíclico apresentou uma ruptura na tendência de crescimento. Isso se refletiu também na taxa de crescimento encontrada para o setor, que no período de expansão cresceu em média 10%, ao passo que no período de recessão esta taxa representou percentual negativo em 4%.

Já o setor de consumo não cíclico, levou um tempo a mais para apresentar ruptura na tendência de crescimento da geração de riqueza, que veio a ocorrer no terceiro e último ano do período de recessão, porém essa ruptura tardia não impediu que a taxa média de crescimento do setor para esse momento fosse negativa em 7%.

Apesar de ambos os setores se mostrarem impactados negativamente na taxa de crescimento da geração de riqueza pelo momento de recessão, o setor de consumo cíclico em seu montante gerado ano a ano respondeu negativamente no primeiro ano em que a recessão foi delimitada ao passo que o setor de consumo não cíclico apresentou mais dois anos de valores crescentes, o que pode apresentar uma associação a ideia da Teoria dos Ciclos Econômicos quanto de sensibilidade ao período de recessão para o primeiro setor, visto que seus produtos podem ter o consumo adiados para um momento de melhor situação econômica.

Ao analisar o percentual de distribuição sobre o total das riquezas geradas por período o

Realização:



setor de consumo cíclico apresenta uma maior distribuição em ambos os momentos para impostos, taxas e contribuições, com 40%. Já o setor de consumo não cíclico no período de expansão distribui maior fatia da sua riqueza gerada para pessoal e no período de recessão esse maior valor foi para remuneração de capital de terceiros.

Sob a perspectiva da taxa de crescimento, dentre os agentes econômicos que compõe a distribuição da riqueza o grupo com maior percentual de crescimento no período de expansão foi a remuneração de capital de terceiros nos dois setores. Já no período de recessão os agentes mais impactados negativamente na distribuição da riqueza foi o grupo pessoal para o setor de consumo cíclico e o grupo impostos, taxas e contribuições para o setor de consumo não cíclico.

Apenas dois grupos de distribuição continuaram com taxas de crescimento positiva no período de recessão e pertencem ao setor de consumo não cíclico, sendo eles o grupo de pessoal com taxa de crescimento de 2% e a remuneração de capitais de terceiros com 6%.

De modo geral, os resultados encontrados para ambos os setores quanto ao comportamento da geração e distribuição de riqueza apontam para um movimento de crescimento no período de expansão e um decréscimo para o período de recessão, salvo as duas exceções apontadas em parágrafo anterior. Porém, esta pesquisa poderia apresentar resultados diferentes ou fazer outros paralelos se comparados a outros ciclos de expansão e recessão já delimitados na economia brasileira, no entanto visto a não obrigatoriedade de publicação da DVA em período anterior a 2008, a pesquisa se limitou aos ciclos mais recentes.

## REFERÊNCIAS

BANCO CENTRAL DO BRASIL – BCB (2019). Calculadora do Cidadão. Disponível em: <https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADA0/publico/exibirFormCorrecaoValores.do?method=exibirFormCorrecaoValores>. Acesso em: 15/06/2019.

BRASIL BOLSA BALCÃO – B3(2019). Empresas Listadas por setor de atuação. Disponível em: [http://www.b3.com.br/pt\\_br/produtos-e-servicos/negociacao/renda-variavel/empresas-listadas.htm](http://www.b3.com.br/pt_br/produtos-e-servicos/negociacao/renda-variavel/empresas-listadas.htm). Acesso em: 20/05/2019.

Comitê de Datação de Ciclos econômicos – CODACE (2009). Comunicado de Criação do CODACE e Datação de Ciclos Trimestrais Brasileiro, Mai.2009. Disponível em: <https://portalibre.fgv.br/main.jsp?lumChannelId=4028808126B9BC4C0126BEA1755C6C93>. Acesso em: 26/05/2019.

Comitê de Datação de Ciclos econômicos –CODACE (2017). Comunicado de datação de ciclos mensais brasileiros, Out.2017. Disponível em: <https://portalibre.fgv.br/main.jsp?lumChannelId=4028808126B9BC4C0126BEA1755C6C93>. Acesso em 01/05/2019

DE LUCA, M. M. M.; CUNHA, J. V. A. da; RIBEIRO, M. S.; OLIVEIRA, M. C. (2009).

Realização:



Demonstração do valor adicionado: do cálculo da riqueza criada pela empresa ao valor do PIB. 2 ed. São Paulo: Atlas.

GOULART, M.; FERREIRA, L.F.; ARAUJO, A. R. M. de; FERREIRA, D. D. M. (2019). Distribuição de riqueza aos agentes econômicos da DVA: Um olhar sobre o ranking das “Melhores empresas para se trabalhar em 2016, 2015 e 2014. Revista Capital Científico, v.17, n.1, p.42-58.

GUESSER, A. P. G.; FEDRIGO, J.; EINSWEILLER, A. C.(2018). Demonstração do valor adicionado: a evolução e distribuição da riqueza das empresas catarinenses listadas na BMF&BOVESPA. Revista Ambiente Contábil, Natal, vol.10, n.1, p.200- 222.

KEYNES, J. M. (1988). A teoria geral do emprego, do juro e da moeda. Tradução de Mário R. da Cruz. São Paulo: Nova Cultural.

MITCHELL, W. C.(1988). Os ciclos econômicos e suas causas (3a ed.). Tradução de Ida Rosental. São Paulo: Nova Cultural.

OREIRO, J. L.(2017). A grande recessão brasileira: diagnóstico e uma agenda de política econômica. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, vol.31, no.89, p. 75-88.

PANDINI, J.; STÜPP, D. R.; FABRE, V. V. (2018). Análise do impacto das variáveis macroeconômicas no desempenho econômico-financeiro das empresas dos setores de consumo cíclico e não cíclico da BMF&BOVESPA. Revista Catarinense da Ciência Contábil, Florianópolis, v.17, no.51, p.7-22.

PAULA, L.F.; PIRES, M.(2017). Crise e perspectivas para economia brasileira. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, vol.31, no.89, p. 125-144.

SANTOS, A. dos (2007). Demonstração do valor adicionado: como elaborar e analisar a DVA (2a ed.). São Paulo: Atlas, 2007.

SANTOS, A. dos; CUNHA, J. V. A. da; DE LUCA, M. M. M.; RIBEIRO, M. de S.(2013). A economia das empresas nos governos FHC e Lula: uma análise a partir da demonstração do valor adicionado. Revista de Contabilidade e Controladoria, Curitiba, v.5, no 1, p. 47-64.

SCHUMPETER, J. A. (1985). Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico (2a ed.). Tradução de Maria Sílvia Possas. São Paulo: Nova Cultural.

TINOCO, J. E. P.; MORAES, P. B. (2008). Uso da Demonstração do Valor Adicionado – DVA,

como ferramenta de medição da carga tributária no Brasil. Revista Eletrônica de Gestão e Negócios, v.4, no 1, p. 1-32.

WINK, E.; SEVERO, P. S.; DORNELLES, M. T. (2015). Demonstração do valor adicionado (DVA): distribuição de riqueza ao pessoal e aos capitais de entidades dos setores da auto indústria e de bens de capital. Revista metropolitana de sustentabilidade, São Paulo, v. 5, n.3, p. 61-80.

Realização:

